

---

# ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO COM ENFOQUE SEMIÓTICO NO GUIA GAY SÃO PAULO

---

*Architecture of information with semiotic approach in Guia Gay São Paulo*

---

**Jean Fernandes Brito (1), Raffaella Dayane Afonso (2), Márcio Matias (3)**

Universidade Federal de Santa Catarina, jjeanfernandes@gmail.com (1), raffaela-lela@hotmail.com (2), matias97@gmail.com (3)

## Resumo

As atuais Tecnologias de Informação e Comunicação propiciam o desenvolvimento de ambientes informacionais digitais que contemplam entretenimento, informações turísticas entre outros. Neste sentido, destacamos os *websites* de turismo para Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transexuais, Travestis e *Queer* (LGBTQ), que são ambientes criados à disponibilização de dados e informações turísticas para esse público. Esses *websites* apresentam riqueza de vocabulários e rótulos específicos a essa comunidade; assim, necessitam ser representados e estruturados a fim de facilitar a Recuperação da Informação. O objetivo, neste trabalho, foi o de analisar a Arquitetura da Informação, com enfoque no sistema de rotulagem por meio de estudos da semiótica no *website* Guia Gay São Paulo. A metodologia utilizada foi a de observação não-participante no *website*; para a coleta de dados utilizou-se *check-list* baseado nos elementos descritos por Rosefend, Morville e Arango (2015). De modo geral, no *website* estão expostos os serviços e notícias disponibilizados aos usuários, pressupondo inovações em seus serviços no que se refere a um espaço composto por linguagens convergentes, onde é possível divulgar. Conclui-se que essas representações são de extrema importância o que fortalece a visibilidade do *website* e a inserção da comunidade LGBTQ.

**Palavras-chave:** Arquitetura da Informação; Semiótica; Sistema de Rotulagem; Guia Gay São Paulo;

## 1 Introdução

As atuais Tecnologias de Informação e Comunicação propiciam o desenvolvimento de ambientes informacionais digitais que contemplem entretenimento, informações turísticas entre outros. Neste sentido, destacamos os *websites* de turismo para as Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transexuais, Travestis e *Queer* (LGBTQ), que são ambientes criados para disponibilizar dados e informações turísticas a esse público. Esses *websites* apresentam riqueza de vocabulários e rótulos específicos a essa comunidade; assim necessitam ser representados e estruturados para facilitar a Recuperação da Informação.

O objeto de estudo neste artigo é o *website* Guia Gay São Paulo, um ambiente informacional digital que disponibiliza informações turísticas para o público gay

## Abstract

Current Information and Communication Technologies facilitate the development of digital information environments that include entertainment, tourist information and so on. In this sense, we have launched the tourism websites for Lesbian, Gay, Bisexual, Transsexual, Transvestite and Queer (LGBTQ), which are created to provide tourist information and information for this public. These web sites have a wealth of vocabularies and specific labels for this community, so they need to be represented and structured to facilitate Information Retrieval. The objective of this work was to analyze the Information Architecture with a focus on the labeling system and approaches of semiotics in the. The methodology used was non-participant observation on the website, for the data collection was used check-list based on the elements described by Rosefend, Morville and Arango (2015). Generally speaking, the website offers the services and news made available to its users, presupposing innovations in its services with regard to a space composed of convergent languages, where it is possible to divulge. In conclusion, these representations are extremely important, which corroborates the visibility of the website and the insertion of the LGBTQ community.

**Keywords:** Information Architecture; Semiotics; Label system; Guia Gay São Paulo.

na cidade de Florianópolis/Brasil. A mesma rede desse ambiente se concentra em outros *websites*, expandindo-se às cidades de São Paulo/Brasil, Salvador/Brasil, Belo Horizonte/Brasil e Brasília/Brasil.

A comunidade LGBTQ se apropria das informações do *website*, à medida que é criado um espaço de visibilidade, divulgação e ampliação do turismo com o uso das Tecnologias de informação e Comunicação (TIC). Logo, pensar em ambientes digitais para o público LGBTQ é ampliar a participação dessa comunidade em sociedade, otimizando o acesso à informação (Brito e Matias, 2018).

Assim, por este estudo, busca-se a compreensão de como a utilização da Semiótica e da Arquitetura da Informação podem contribuir ao acesso fácil e intuitivo às informações contidas em ambientes digitais. Após as considerações apresentadas, chegou-se à seguinte inda-

gação: “Como o *website* Guia *Gay* São Paulo está estruturado em termos de Arquitetura da Informação com enfoque semiótico?”

Portanto, o objetivo geral nesta pesquisa é analisar a Arquitetura da Informação, com enfoque no sistema de rotulagem por meio de estudos da semiótica, no *website* Guia *Gay* São Paulo.

## 2 Referencial Teórico

Nessa seção, são apresentados os conceitos sobre Arquitetura da informação e semiótica que contribuíram à fundamentação, desenvolvimento e análise dos resultados.

### 2.1 Arquitetura da Informação

Na sociedade atual, cada vez mais há a elaboração e compartilhamento da informação em diferentes meios de comunicação, ou seja, do meio impresso ao digital. Para haver a facilidade da ‘encontrabilidade’ da informação, tanto em meio físico como na web, há necessidade de se organizar o ambiente em que a informação está disponibilizada. Nesse sentido, quando Wurman elaborou o termo Arquitetura da informação (AI), foi devido à quantidade exponencial de informação que estava sendo elaborada e disseminada à sociedade (Agner, 2012).

A Arquitetura da informação idealizada por Wurman tinha como propósito a organização da informação no meio físico; posteriormente, a ideia do autor foi transportada para o mundo da web, isso nos anos 1990, por causa do crescimento dos ambientes de comércio eletrônico (Silva et al., 2011; Agner, 2012). Ao longo dos anos, a AI vem colaborando na organização e avaliação de ambientes informacionais na web, por meio de métodos e técnicas que facilitem a localização da informação pelos usuários (Vechiato & Vidotti, 2016).

Nesse contexto, Rosenfeld, Morville e Arango (2015) ressaltam que a AI é cada vez mais desafiadora e necessária; isso, devido à quantidade de informações disponibilizadas. E com esse excesso de informações compartilhadas pelas instituições, há a necessidade de organizá-las de forma que os usuários possam recuperar, navegar e as entender.

Desta forma, a Arquitetura da informação pode ser compreendida como uma planta ou mapa do ambiente informacional das instituições. Na visão de Straioto (2002) e Vidotti e Sanches (2004), a AI se refere ao desenho em que os textos, imagens, ícones, menus ocupam no ambiente informacional, de acordo com os objetivos da instituição. A AI também é definida como “a arte e a ciência de moldar produtos e experiências de informação para apoiar a usabilidade, a localização e a compreensão” da informação (Rosenfeld, Morville e Arango, 2015, p. 25).

Conforme Vechiato e Vidotti (2016), não há na literatura uma metodologia padrão para se avaliar ou aplicar a arquitetura da informação nos ambientes informacionais; isto é, devido ao contexto em que está inserido o ambiente informacional e também a arquitetura da informação, que poderá ser adaptada de acordo com os objetivos e contexto da instituição responsável pelo ambiente informacional digital.

Nesse sentido, a arquitetura da informação pode ser avaliada de acordo com seus sistemas e elementos. A AI é composta de quatro sistemas, os quais são formados por conjuntos de elementos que facilitam a organização da informação.

Os sistemas são: o de organização, que consiste na estruturação da informação e como ela é apresentada ao usuário; o de rotulagem, que é a atribuição de nomes e ícones aos menus com a finalidade de deixar a informação mais clara ao usuário durante a navegação, que é o terceiro sistema e corresponde como o usuário se locomove no ambiente e, por último, há o sistema de busca que facilita a recuperação da informação mediante uma indagação do usuário (Straioto, 2002; Agner, 2012; Rosenfeld, Morville e Arango, 2015).

### 2.1 Semiótica

O ser humano se encontrou mergulhado em diferentes sistemas de comunicação no decorrer do seu desenvolvimento. Ressalta-se que a linguagem rupestre pode ser vista como umas das primeiras formas de comunicação e expressão do homem, sendo o ato de se comunicar e compreender a informação que o torna diferente de outras espécies (Miyagawa; Lesure e Nobrega, 2018).

O ato de comunicar tem como característica o aspecto dinâmico da sociedade; não há sociedade sem uma rede entrelaçada de compreensão, seja ela parcial ou não. A linguagem verbal foi por muito tempo vista como a única forma da comunicação humana, entretanto com o desenvolvimento da Semiótica, ciência que estuda os signos e suas relações, a linguagem verbal passou a ser um dos meios fundamentais da comunicação, mas não o único (Jakobson, 1979).

Para Santaella (2005, p. 13-19), há duas ciências que têm como campo de estudo a linguagem; a primeira é a Linguística, que estuda a linguagem verbal e a outra é a Semiótica

ciência de toda e qualquer linguagem [...] e tem como objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.

A semiótica se preocupa com todo e qualquer sistema de comunicação; é a ciência dos signos e dos processos significativos, que ocorrem tanto na natureza como na cultura. Um fenômeno cultural é um processo de comunicação, por ser constituído de linguagem e propor-

cionar a sua significação e, nesse sentido, é considerado um fenômeno semiótico (Nicolau et al., 2010).

E é nessa premissa que a teoria semiótica, elaborada por Charles Sanders Peirce se desenvolveu. Para Peirce, o homem está carregado de simbologia, quer dizer, está apto a dar sentido a um signo. O signo é a representação de alguma coisa para alguém. Segundo Moura (2006, p. 6), “a tese central da Semiótica peirciana informa que todo o pensamento se dá em signos. Sendo assim, os gestos, as ideias, as cognições e até o próprio homem são considerados entidades semióticas”. Os signos representam ou dão significados a algo que está ausente, concreto ou abstrato como, por exemplo,

o rubor e a palidez podem ter significados de doenças ou emoções, [...] o sinal vermelho em um cruzamento é o sinal de proibição de atravessar com o carro. Tudo pode ser considerado signo, a partir do memento em que dele deduzo uma significação que depende da minha cultura, assim como do contexto de significação do signo (Joly, 1996, p. 36).

A definição de signo de Peirce consiste de uma “conexão tripla de signo, coisa significada, cognição produzida na mente” (apud Nöth, 1995), isto é, o signo representa algo para alguém e esse alguém cria na sua mente um de representação do objeto representado pelo signo. Nöth (1995, p.42) afirma que “um dos princípios centrais da semiótica de Peirce é seu caráter relacional ou funcional ao signo”; para o autor, os signos não são uma categoria de objeto, eles existem na mente do intérprete.

O homem é considerado o principal intérprete do signo, pois está elaborando signos, constantemente, em sua mente e isso é umas das características da teoria do signo elaborada por Peirce. Os signos são compostos por três elementos: *representamen*, que é a sensação referente à lembrança de algo e o *interpretante*, que é ser humano (Santaella, 2005, grifo nosso)

Tanto quanto o próprio signo, o objeto do signo também pode ser qualquer coisa de qualquer espécie. Essa ‘coisa’ qualquer está na posição de objeto, porque é representada pelo signo. O que define signo, objeto e interpretante, portanto, é a posição lógica que cada um desses três elementos ocupa no processo representativo (Santaella, 2005, p. 8).

Sendo assim, pode compreender-se que a semiótica contribui para o entendimento de algo em seus variados usos, isso por meio dos signos e suas relações que o interpretante realiza, e esses signos precisam fazer parte da cultura, do contexto do interpretante para ter suas significações que, por sua vez, são “apreendidas nos grupos sociais e nas normas culturais” (Moura, 2006, p. 4).

A semiótica, por ter essa característica de dar significado a um signo conhecido por determinados grupos sociais, possibilita a compreensão das informações disponibilizadas nos ambientes informacionais digitais. Muitos desses ambientes fazem uso de imagens, sím-

bolos e ícones para representar a informação, a qual só terá significado para aquela comunidade onde foi projetado o ambiente informacional.

Ao se projetar os ambientes informacionais digitais, as instituições se utilizam da metodologia e técnicas da arquitetura da informação para facilitar a recuperação e navegação das informações pelos usuários. Quando relacionamos AI e Semiótica, percebe-se que os usuários são os interpretantes dos signos que são empregados pelos sistemas da arquitetura da informação (organização, rotulagem, navegação e busca) a fim de que usuários possam encontrar a informação no ambiente informacional digital.

Ao partirmos da premissa que tudo pode ser considerado um signo, desde que o intérprete (usuário) faça as relações em sua mente, a partir da sua cultura e do contexto em que os signos estão empregados, pode inferir-se que todo processo e planejamento da arquitetura da informação de um ambiente informacional se encontra relacionado à Semiótica. Dentre os quatro sistemas da AI, destaca-se o sistema de rotulagem, visto que esse sistema é responsável por categorizar, descrever e apresentar os itens informacionais, podendo ser em forma textual ou iconográfica (Ribeiro e Vidotti, 2009).

Dessa maneira, a interdisciplinaridade entre a Arquitetura da Informação e a Semiótica no âmbito da Ciência da Informação, mais especificamente na análise de *websites*, está no fato de as linguagens e signos proporcionarem subsídios à estruturação dessas plataformas no que diz respeito ao sistema de rotulagem. Nessa perspectiva, as linguagens trabalham a estrutura de rotulagem do website, tornando-o atrativo aos olhos de quem utilizará a plataforma.

### 3 Aspectos Metodológicos

A metodologia desta pesquisa se caracterizou como exploratória e analítica, com abordagem qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de avaliação heurística, no *homepage website* Guia Gay São Paulo (Apêndice 2) no período de 22 e 23 de maio.

O instrumento de análise de Arquitetura da informação (Apêndice 1) contempla os elementos de organização, navegação, rotulagem e busca presentes na literatura apresentados anteriormente. Além da aplicação do instrumento, foi utilizado o recurso *print screen* para capturar a tela.

A análise foi realizada a partir da avaliação heurística, um método que não conta com a participação de usuários. Segundo Vechiato (2010) nesse tipo de avaliação, os avaliadores utilizam heurísticas, diretrizes e/ou recomendações de usabilidade para descobrir possíveis problemas.

#### 4 Análise e discussão dos resultados

A partir da aplicação do instrumento de coleta de dados (Apêndice 1), foram identificados os elementos que compõem os sistemas da Arquitetura da Informação. O *website Guia Gay São Paulo* possui todos os quatro sistemas da AI, a saber: a) Sistema de Organização; b) Sistema de Navegação c) Sistema de Rotulagem; d) Sistema de Busca.

Ao analisar o sistema de organização, verificou-se a existência dos seguintes elementos: esquemas exatos alfabéticos, cronológicos e geográficos; esquemas ambíguos, distribuídos por tópicos e direcionados a públicos específicos. Em relação à estrutura do ambiente, não é possível identificar se era por hierárquico (do geral para específico) ou hipertextual e se havia, também, o uso de classificação social.

O segundo sistema analisado foi o de navegação, o qual permite que o usuário se locomova dentro do ambiente digital. De acordo com Reis (2007) esse sistema tem como função básica indicar ao usuário a sua localização no ambiente digital e mostrar o percurso correto que ele deve seguir para alcançar seu destino dentro do *website*.

No Ambiente analisado, distinguiram-se os elementos de navegação global e contextual; navegação por links contextuais no sistema de navegação; dos elementos de navegação complementar, somente a trilha de migalhas se encontra em uso no ambiente; já, o mapa e índice do *site* não foram identificados.

O sistema de rotulagem é uma forma de representar a informação de um determinado ambiente. E Rosenfeld e Morville (2006, p. 92) indicam que “projetar rótulos eficientes é talvez o aspecto mais difícil da arquitetura de informação. A língua é simplesmente tão ambígua que você sempre sente que pode melhorar um rótulo”. E no contexto estudado, os rótulos são partes da linguagem dos usuários o que ocasiona ambiguidades linguísticas e coerência dos rótulos, bem como sua padronização (Reis, 2007). Ao analisar o sistema de rotulagem foi reconhecido o uso dos cabeçalhos, rótulos textuais e iconográficos e termos de indexação.

O último sistema analisado foi o de busca, que contribui para a localização e acesso rápido das informações desejadas pelos usuários (Morville e Rosenfeld, 2006). Esse sistema no ambiente analisado está localizado na *homepage* do *website*, não permitindo o uso de busca por lógica booleana, e os resultados são apresentados em listagem cronológica, não sendo possível fazer refinamento da busca.

Em relação à análise das abordagens semióticas, percebeu-se que a intenção no *website* é resgatar informações do dia a dia do mundo LGBTQ.

Apresenta o apelo ao corpo masculino erotizado, com rótulos específicos da comunidade LGBTQ em seus

diferentes gêneros, a importância dessa comunidade no desenvolvimento político, econômico e social, bem como a necessidade de inclusão desse público nas dinâmicas sociais.

No *website* são expostos os serviços e notícias disponibilizados aos seus usuários, pressupondo inovações em seus serviços no que se refere a um espaço composto por linguagens convergentes, onde é possível divulgar informações de eventos referentes ao tema LGBTQ, notícias do dia a dia da cidade, assim como eventos em âmbito nacional e internacional.

**Público de interesse:** as ações no *website* perante seus usuários estão voltadas à informação de noticiários do público LGBTQ, eventos que estão ocorrendo na área, pontos turísticos da cidade de Florianópolis, havendo também a possibilidade de troca de informações entre os usuários e a plataforma através do item ‘contato’ e ‘dúvidas’.

A comunidade LGBTQ apresenta uma diversidade linguística específica de sua comunidade, e os ambientes informacionais digitais devem estar adequados às necessidades, às competências e aos comportamentos informacionais desses usuários, para que o público venha construir conhecimento a partir das informações encontradas no ambiente web (Oliveira, 2014).

Sob essa perspectiva e se apropriando das ideias de Oliveira (2014) e as amalgamando às de Foucault (1999), pensar em websites que envolvam questões de gênero é pensar além dos processos cognitivos e conhecendo o usuário.

Foucault (1999) comenta ainda que “a sexualidade não é um fenômeno biológico somente (o corpo reinando soberano a partir da presença ou ausência da genitália), ela é social e histórica”. Assim, nossas definições, convenções, crenças, identidade e comportamentos sexuais não são resultados de uma simples evolução: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder, situadas entre resistências e repetições de padrões (re) formulados sob as vestes da cultura e da história de cada um, que se entrecruza com a história das relações de saber-poder circundantes dos espaços sociais em que a humanidade vive (Foucault, 1999).

Por meio dessa complexidade, Camargo e Vidotti (2011) explica que a interface é o intermediário entre os usuários e conteúdo, um intérprete e guia das complexidades de um site. No ambiente gráfico da Web, o design de interface tem que lidar com o significado da estrutura visual (sistemas de rotulagem) para possibilitar uma navegação clara e específica ao público que pretende atender.

O pré-requisito essencial ao desenho de ambientes informacionais digitais, segundo Badre (2002) e Vecchiato (2010), é a definição do público-alvo. Para o autor, o perfil dos usuários influencia sobremaneira o design e a avaliação da interface. Nesse sentido, é ne-

cessário considerar as **diversidades humanas** relacionadas ao público-alvo estabelecido.

De um modo geral, a diversidade sexual dos seres humanos abrange várias características dos grupos sociais humanos, dentre as quais podemos citar a comunidade LGBTQ, permitindo a construção de novas abordagens de cultura, a religião, o idioma, as capacidades e as limitações físicas e cognitivas dentre outras (Torres; Mazzoni e Mello, 2007).

Sendo assim, quanto maior o público e o conteúdo informacional que se pretende abranger, mais coerência e padrão o sistema deve oferecer, pensando no usuário que fará a busca e não somente em quem está desenvolvendo o sistema (o profissional da informação juntamente com um profissional da computação).

Nos rótulos descritos no Apêndice 2 dessa pesquisa percebemos a presença de rótulos imagéticos e textuais, representando a comunidade LGBT.

A região apresentada remete aos roteiros específicos presentes na cidade de São Paulo, quais sejam: Baladas, Bares, Cafés, Compras, Igrejas, Sex Clubes, entre outros.

Um rótulo de maior destaque dessa área digital se refere a “Cine E Cabines” que, na verdade, não são lugares de cinemas tradicionais, mas espaços de encontros e paqueras LGBTQ, denominados “cinemão”.

O segundo conjunto de rótulo analisado diz respeito ao Sistema de Busca, sendo representado por uma Lupa e pelos rótulos das redes sociais (*Instagram e Facebook*). O Guia *Gay* São Paulo mantém controle sobre as suas publicações; elas são automáticas e se expandem por meio dessas mídias sociais.

A terceira análise de rótulo traz o termo Guia *Gay* São Paulo, deixando bem clara a titulação do *website*. É um grande destaque, pois se localiza ao lado esquerdo e valoriza a cor vermelha, que representa uma das cores do Arco Íris da Comunidade LGBTQ.

A quarta análise de rótulo indica os menus de navegação (taxonomias navegacionais), representando algumas das atividades da cidade de São Paulo. No rótulo está exposto: A cidade, Notícias, A cena, Curta São Paulo InstaTop, Eleições, Parada Brasil, Eventos 2018, Apoio Turístico, Mapa *Gay*.

A quinta análise é composta por diversos rótulos imagéticos que remetem o usuário a uma agenda com eventos naquela semana ou determinado período. Esse rótulo facilita a busca e recuperação do usuário de modo cronológico.

E o último rótulo está inserido na parte inferior no *website*, ele apresentando por meio de rótulos textuais uma tipologia de um mapa do site, com informações já supracitadas sobre o *website*.

No *website*, configuram-se alguns problemas no que diz respeito aos rótulos imagéticos e ausência de termos da comunidade LGBTQ. A imensa quantidade de propagandas dificulta ao usuário a recuperação da informação.

## 5 Considerações Finais

A aplicação das técnicas e elementos da arquitetura da informação facilita a organização, a navegação e busca das informações pelos usuários. Percebeu-se, durante a análise do ambiente, a ausência de elementos que poderiam facilitar a busca e a encontrabilidade da informação; como exemplo, cita-se a ausência do refinamento da busca ou o mapa do *site*, que apresentaria uma visão global do ambiente ao usuário.

O *website* estabelece um processo de comunicação entre os serviços oferecidos e as necessidades e desejos de seus usuários, por meio de linguagens imagéticas, cores, destaque de letras, tamanho de fontes, sons agregados a imagens, textos e vídeos.

Por ser um ambiente específico a uma comunidade, verificou-se a utilização de rótulos característicos, que sem o contexto e a significação do interpretante não faria sentido sua utilização no *website*. A utilização de signos próprios de uma comunidade pode ser compreendida por meio do estudo semiótico, pois um signo só terá sentido se for analisado dentro de um contexto específico e cultural; como exemplo, cita-se o emprego do rótulo ‘uso’ que no ambiente estudado tem uma característica de homens *gays*, fortes e com abundância de pelos pelo corpo; se fosse noutro contexto, poderia ser relacionado ao animal mamífero urso.

Além disso, observam-se essas representações sígnicas, vindo corroborar a visibilidade do *website* e a inserção da comunidade LGBTQ nas atividades do seu cotidiano, mostrando as dimensões abrangentes que esse público atingiu nos últimos anos.

## Referências

- Agner, L. (2012). Ergodesign e arquitetura da informação: trabalhando com o usuário. 3. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.
- Badre, A. N (2002). Shaping web usability: interaction design in context. Boston: Pearson Education, 2002.
- Brito, J. F.; Matias, M. (2018). Arquitetura da Informação e Princípios de Usabilidade: proposta de um modelo de análise e desenvolvimento para websites de turismo LGBTQ. // Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia. 3 (Maio 2018).
- Camargo, L. S. A.; Vidotti, S. A. B.G (2011). Arquitetura da Informação: uma abordagem prática para o tratamento de conteúdo e interface em ambientes informacionais digitais. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- Foucault, M (1999). História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- Jakobson, R. (1979). Comunicação e sociedade. In. BLECUA, José Manuel. Linguística e comunicação. São Paulo: Salvat Editora, 1979.

- Joly, M. (1996). *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- Miyagawa, H.; Lesure, C.; Nóbrega, V. A. (2018). Cross-Modality Information Transfer: A Hypothesis about the Relationship among Prehistoric Cave Paintings, Symbolic Thinking, and the Emergence of Language. // *Frontiers in Psychology* 9. (2018).
- Moura, M. A. (2006). Ciência da Informação e Semiótica: conexão de saberes. // *Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.* 2:2. (2006).
- Nicolau, M. et al (2010). Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce. // *Revista Eletrônica Temática* 6: 8 (Agosto 2010).
- Nöth, W. (1995). *Handbook of semiotics*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1995.
- Oliveira, H. P. C. (2014). *Arquitetura da Informação pervasiva: contribuições conceituais*. 2014. 202 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.
- REIS, G. A. (2007) *Centrando a arquitetura de informação no usuário*. 2007. 250 f. Dissertação (Mestrado em Ciência e Artes) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- Ribeiro, O. B.; Vidotti, S. A. B.G. (2009). Otimização do acesso à informação científica: discussão sobre a aplicação de elementos da arquitetura da informação em repositórios digitais. // *Biblos*, Rio Grande 23:2 (2009) 106-116.
- Rosenfeld, L.; Morville, P. (2006). *Information Architecture for the World Wide Web*. 3. ed. Sebastopol, CA: O'Reilly, 2006.
- Rosenfeld, L. Morville, P.; Arango, J (2015); *Information Architecture for the world wide web*. 4. ed. Sebastopol, USA: O'Reilly Media Inc., 2015.
- Santaella, L. (2005). *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- Silva, M. A. T. et al (2011). O que é arquitetura da informação? // *Biblionline* 7:1 (2011) 11-21.
- Straioto, F. (2002). *A arquitetura da informação para a World Wide Web: um estudo exploratório*. 2002. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.
- Torres, E. F.; Mazzoni, A. A (2004) *Conteúdos digitais multimídia: o foco na usabilidade e acessibilidade* // *Ciência da informação*, Brasília 33:(Agosto 2004) 152-160.
- Vechiato, F. L. (2010). *Repositório digital como ambiente de inclusão digital e social para usuários idosos*. 2010. 183f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2010.
- Vechiatio F. L.; Vidotti, S.A.B.G (2016). *Arquitetura da Informação como subsídio teórico e prático para o projeto e para a avaliação de recursos, serviços e ambientes informacionais digitais*. In: Tomaél, M.i; Alcará, A. R (org.). *Fontes de informação digital*. 1. ed. Londrina: Eduel, 2016, p. 45-76.
- Vidotti, S.A.B. G.; Sanches, S.A.S (2004). *Arquitetura da informação em website*. // *Simpósio Internacional de Bibliotecas Digitais*, 2., 2004, Campinas. *Anais...* Campinas: UNICAMP, 2004.

---

Copyright: © 2019. Brito, Afonso e Matias. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

---

Received: 2018-10-11. Accepted: 2019-02-27

## Apêndice

Quadro 1

<i>Elementos da Arquitetura da Informação baseado em Morville, Rosenfeld, Arango (2015)</i>			
<i>Sistemas</i>	<i>Elementos</i>	<i>Avaliação</i>	
<b>Sistemas de Organização</b>	Esquemas exatos	Alfabético	Não possui itens e/ou <i>links</i> organizados de forma alfabética;
		Cronológico	As postagens do <i>blog</i> estão organizadas por mês de publicação;
		Geográfico	Não possui itens e/ou <i>links</i> organizados de forma geográfica;
	Esquemas ambíguos	Por tópicos	Não foi possível observar uma organização explícita por assunto;
		Orientados por tarefas	Não possui essa característica;
		Direcionados a um público específico	Não é direcionado a um público específico;
		Dirigidos às metáforas	Não há elementos dirigidos às metáforas;
	Esquemas estruturais	Hierárquicos	Não possui organização hierárquica;
		Hipertextuais	Não possui organização hipertextual;
Classificação social		Não foi possível localizar;	
<b>Sistema de Navegação</b>	Navegação integrada	Navegação global	Há duas barras de navegação: superior e lateral;
		Navegação local	Possui navegação local;
		Navegação contextual	Verificou-se poucos <i>links</i> , que remetessem a outros <i>websites</i> , no corpo das postagens;
	Navegação suplementar	Mapa do <i>site</i>	Não há um mapa do <i>site</i> ;
		Índice do <i>site</i>	Não há um índice do <i>site</i> ;
		Trilha de migalhas	Possui a trilha de migalhas, com destaque.
<b>Sistema de Rotulagem</b>	Textual	<i>Links</i> contextuais	Há informações, em forma de <i>links</i> , no corpo das postagens, porém esses não são clicáveis;
		Cabeçalho	Possui informações textuais por trás dos <i>links</i> de acesso;
		Rótulos dentro do sistema de navegação	Há rótulos dentro do sistema de navegação;
		Termos de indexação	Abaixo de cada postagem há termos que classificam o conteúdo do texto;
		Rótulos iconográficos	Possui;
<b>Sistema de Busca</b>		A busca pode ser realizada pela ferramenta padrão de busca disponibilizada pela plataforma;	

Quadro 1. Análise dos elementos da Arquitetura da Informação.

Fonte. Dados da pesquisa.

Figura 1



Figura 1. Página Principal do website Guia Gay São Paulo

Fonte. Guia Gay São Paulo

Figura 2

Rótulo	Análise
	<p>A região apresentada remete aos roteiros específicos presentes na cidade de São Paulo. Baladas, Bares, Cafés, Compras, Igrejas, Sex Clubes, Para elas e entre outros. Um rótulo de maior destaca dessa área digital se refere “Cine E Cabines”, que na verdade não são lugares de cinemas de tradicional, mas Espaços de encontros e paqueras LGBTQ, que são denominados “cinemão”.</p>
	<p>Esta região digital diz respeito ao Sistema de Busca, sendo representado por uma Lupa e os rótulos das redes sociais (Instagram e Facebook). O Guia Gay São Paulo mantém um controle sobre as suas publicações, elas são automáticas e se expandem por meio dessas mídias sociais.</p>

	<p>Este um rótulo traz o termo Guia <i>Gay</i> São Paulo, ele deixa bem claro a titulação do <i>website</i>. É um grande destaca, pois se localiza ao lado esquerdo e valoriza as cores vermelho que representa uma das cores do Arco Íris da Comunidade LGBTQ.</p>
	<p>A região digital ao lado representa os menus de navegação (taxonomias navegacionais) representam algumas das atividades da cidade de São Paulo. O rótulo apresenta: A cidade, Notícias, A cena, Curta São Paulo InstaTop, Eleições, Parada Brasil, Eventos 2018, Apoio Turístico, Mapa Gay.</p>
	<p>Ao lado, temos uma região digital composta por diversos rótulos imagéticos que remetem o usuário uma agenda com eventos naquela semana ou determinado período. Esse rótulo facilita a busca e recuperação do usuário por meio cronológico.</p>
	<p>E por fim, o ultimo rótulo apresenta-se na parte inferior no website, ele apresenta por meio de rótulos textuais, uma tipologia de um mapa do site, com informações já supracitadas sobre o website.</p>

Figura 2. Análise dos rótulos no website Guia Gay São Paulo

Fonte. Dados da Pesquisa.